

## HAVERÁ A 3ª. GUERRA MUNDIAL?



Dra. Marlene Nobre \*

Desde o dia 11 de Setembro de 2001, com os pavorosos ataques terroristas aos E.U.A., a Terra deixou de ser a mesma. Entrou, definitivamente, na fase das grandes transformações, conforme já tinham anunciado profecias milenárias, como a do próprio Cristo, no Sermão Profético (Marcos, cap. XIII, 1-27). Com o advento do Espiritismo no séc. XIX, as revelações continuaram, de uma forma vagarosa, obedecendo ao critério da Espiritualidade Superior, que é o de informar, sem alarmar. Sabemos que ao longo do 3º. milénio haverá a implantação da Era da Regeneração, na qual a humanidade conhecerá, definitivamente, a paz duradoura. Mas essa era não virá sem lutas enormes e muito sofrimento, sobretudo no período inicial de implantação, quando serão necessários grandes expurgos de almas recalcitrantes e belicosas. Essa grande selecção obedece a um crivo, que foi apontado pelo próprio Mestre Jesus no Sermão da Montanha: “Bem aventurados os brandos, porque possuirão a Terra”, referindo-se à necessidade de se cultivar a brandura e a paz para nela se permanecer. Tendo em vista a quantidade de povos envolvidos no desamor e nos horrores das guerras de todos os tempos, é possível avaliar-se o tamanho do défice populacional terrestre no final dessa rigorosa selecção, comandada por Espíritos magnânimos e justos.

Neste contexto – interrogamo-nos – virá a 3ª. Guerra Mundial? É claro que há essa hipótese mas, será travada neste momento, quando se faz o cerco ao terrorismo? Acreditamos que as circunstâncias actuais não favorecem a globalização do conflito, mas evidentemente, ela não pode ser descartada. Vamos analisar também as razões pelas quais a Espiritualidade Superior não pôde evitar a catástrofe tenebrosa de Setembro de 2001, procurando mostrar quem são os norte-americanos e os terroristas islâmicos, sob a perspectiva histórica reencarnatória.

Inegavelmente, nunca tivemos tanta necessidade de oração como agora. Este é um dever de todas as instituições religiosas e dos habitantes do Planeta que desejem a paz genuína. Na tentativa de neutralizar o ódio, cada ser humano tem na oração um recurso poderoso, mas não se deve esquecer de praticar a não-violência na sua vida diária.

Assim como existe o carma pessoal, há também o carma dos povos. A Lei de Causa e Efeito vigora, inapelavelmente, no âmbito individual e no colectivo, transformando pensamentos e actos em “contas do destino”. Quando estas “contas” acumulam desrespeitos à Lei do Amor, é imperativo ter de as saldar, a seu devido tempo. É impossível explicar um acontecimento tão traumático e hediondo como o que aconteceu no dia 11 de Setembro de 2001, sem essa perspectiva histórica reencarnatória.

Do ponto de vista histórico-espiritual, quem são são os norte-americanos e os fundamentalistas islâmicos?

## ***Exilados de Capela***

No séc. XIX, Allan Kardec, baseado nos ensinamentos dos Instrutores Espirituais, afirma que “uma *colónia de Espíritos*, vinda de outro planeta, deu origem à raça simbolizada na pessoa de Adão e, por essa razão, chamada raça adâmica”, constituindo a “mais inteligente” que impeliu ao progresso todas as outras, e que não é antiga na Terra, “habitando este globo apenas desde há alguns milhares de anos” (*A Génese*, cap. XI). Assim, esses Espíritos não passaram a infância do seu desenvolvimento na Terra, ao contrário do que aconteceu com as raças primitivas, representadas pelos negros e pelos asiáticos.

Para se compreender a emigração dessa “*colónia de Espíritos*”, é preciso lembrar que os mundos passam por períodos de transformação, com a finalidade de ascenderem na escala evolutiva: “os mundos progridem, fisicamente, pela elaboração da matéria e, moralmente, pela purificação dos Espíritos que os habitam”, sendo que o progresso intelectual, por si só não basta, uma vez que, com a inteligência, eles podem fazer o mal.

É fundamental, portanto, a predominância do Bem, e isto não ocorreu com a “*colónia*” que emigrou para a Terra.

Revoltados contra Deus e contra as Suas Leis, esses Espíritos tornaram-se um empecilho para o progresso moral do planeta que habitavam, constituindo uma causa permanente de perturbação para a tranquilidade e felicidade dos bons. Por essa razão, foram excluídos da humanidade a que pertenciam e exotados para a Terra, um mundo menos adiantado, onde aplicaríamos a inteligência e a intuição dos conhecimentos adquiridos, contribuindo para o progresso daqueles entre os quais passaríamos a viver, ao mesmo tempo que expiavam as suas faltas passadas à custa de uma série de existências penosas e repletas de árduo trabalho.

Emmanuel, no livro *A Caminho da Luz* (cap. III), informa que essa “*colónia*”, constituída por milhões de Espíritos rebeldes, foi degredada para o nosso planeta, deixando um dos mundos que rodeiam a estrela Capela (ou Cabra), na constelação de Cocheiro, mundo esse que passava então – há muitos milénios – por um período de transformação, tal como acontece agora com a Terra.

Por determinação das grandes comunidades espirituais, directoras do Cosmos, foram aqui situados, onde teriam a possibilidade de aprender – através da dor e de penosos trabalhos – as grandes conquistas do coração, ao mesmo tempo que dariam impulso ao progresso entre os seus irmãos inferiores.

Antes da sua reencarnação geral, Jesus recebeu no espaço infinito esses seres proscritos que se exilaram na Terra, cerca dos planaltos do Irão e de Pamir, exortando-os a procederem à sua auto-regeneração e prometendo-lhes a Sua vinda no futuro.

Essas almas atormentadas reencarnaram, proporcionalmente, nas regiões mais importantes, onde se tinham fixado as tribos e famílias dos “primatas”, estabelecendo-se na Ásia, “e desde aí atravessaram o istmo do Suez para a igualmente longínqua Atlântida, da qual várias regiões da América guardam vestígios assinaláveis”. Com o tempo, aqueles seres abatidos e degredados reuniram-se em quatro grandes grupos: o dos Árias, a civilização do Egipto, o povo de Israel e as castas da Índia. Dos Árias descendem a maioria dos povos brancos da família indo-europeia, sendo necessário nela incluir os Latinos, os Celtas e os Gregos, para além dos Germanos e dos Eslavos. As raças amarela e negra já existiam, sendo oriundas da própria Terra.

## **Os Romanos**

Segundo Emmanuel, os arianos eram um grupo revoltado com as condições do seu degrado. Pouco acostumados às coisas religiosas, ansiavam conquistar um novo paraíso. Com esse objectivo, vaguearam pelas planícies e montanhas desertas, desarvorados e sem esperança. Estas incursões entre as tribos selvagens da Europa remontam-se, aproximadamente, a dez mil anos antes da vinda de Cristo. Não deixaram vestígios desse período porque não tinham religião e, por isso mesmo, não possuíam tradição oral; conservavam apenas as reminiscências da vida anterior em Capela, o que se traduzia na revolta íntima contra as determinações de ordem divina.

A sua característica básica era o sentido prático, com ele marcando os primeiros tempos da sua organização.

Os Romanos pertenciam ao grupo dos arianos e, tal como os outros, estabeleceram-se na Europa. Ao longo da sua história, desenvolveram essas mesmas características básicas: revolta, falta de fé e sentido prático. É por isso que observamos, lado a lado com as gloriosas tradições da família romana, com o respeito pelas virtudes da mulher, com a perfeita compreensão dos deveres do homem, com a ênfase posta na educação e com a exaltação do Direito, os abusos de poder e da liberdade dos seus habitantes, com especial ênfase para o expansionismo e para o espírito guerreiro. As suas águias vitoriosas cruzaram terras e mares, empreendendo a conquista do mundo, de tal modo que o Império Romano se confundia com o Império do Homem.

Com os abusos de toda a espécie, a família romana – de tão ricas tradições – mergulhou na corrupção e no seu próprio extermínio e o Império cobriu-se de um denso nevoeiro de crimes e de tragédias nefandas. Os actos dos generais romanos levaram provações e amargos sofrimentos à Humanidade. Após muitos séculos de desvios, com uma enorme soma de excessos e prazeres terrenos, os Espíritos Superiores responsáveis pela protecção de Roma, não puderam continuar a usar o paliativo da misericórdia, e o Império entrou num ciclo de provações colectivas. Muitos dos antigos generais romanos, orgulhosos e déspotas, renasceram como mendigos do Esquilino ou como paráliticos que se arrastavam ao longo das margens do rio Tibre. As cidades de Estábias, Herculaneum e Pompeia foram arrasadas, “desequilibrando a vida romana para sempre”.

Com a invasão dos bárbaros, o orgulhoso Império sofreu o abalo definitivo. Falando sobre isto, ensina Emmanuel: “O que Roma devia ter feito através da educação e do amparo perseverantes, esses povos rudes e fortes vinham, por si próprios, reclamar. A grande cidade dos Césares podia ter evitado a catástrofe do desmembramento, se tivesse levado a sua cultura a todos os corações, em vez de ter estacionado tantos séculos na mesa farta dos prazeres e das contínuas libações”.

Assim, “da orgulhosa cidade dos imperadores, não restou senão pedra sobre pedra”. O Império apodreceu pela impiedade dos seus próprios filhos; desapareceu num mar de ruínas, deixando para trás, no bojo ciclópico do tempo, as guerras sangrentas e os circos de terror, onde feras e gladiadores disseminavam a morte e o suplício entre tantos seres indefesos. (*A Caminho da Luz*, caps. XI, XIII e XVI)

### ***Transmigração do povo romano***

O Império desmoronou, do ponto de vista físico, mas os Espíritos que formavam a orgulhosa civilização romana continuaram a longa marcha evolutiva, trocando de indumentária. Foram

situados pela Espiritualidade Superior na Grã-Bretanha, na esperança de que a sua educação e prudência pudessem beneficiar as almas que aguardavam “desde há tantos séculos, a sua protecção e o seu auxílio”. (cap. XIX)

Constituída por Espíritos oriundos – na sua maioria – da Grã-Bretanha, a América do Norte abriga, sem dúvida, uma boa parte dos antigos romanos. Situados agora num novo continente, eles prosseguem na sua ânsia evolutiva. Numerosas entidades da Europa, cansadas das lutas inglórias da hegemonia e da ambição, renasceram no novo continente, procurando a redenção no esforço de construção de uma nova pátria.

Uma missão especial foi destinada por Jesus às Américas: a de construir uma civilização com um outro sentido de evolução, tendo os Espíritos Superiores situado o cérebro dessa nova civilização nos Estados Unidos e o coração no Brasil.

Emmanuel salienta: “Se reconhecemos na América a projecção espiritual da Europa, temos de admitir que se trata de uma Europa mais sábia e mais experiente, não só quanto aos problemas da concórdia internacional e da solidariedade humana, mas também no que respeita a todas as questões que significam os verdadeiros bens da vida”. (cap. XX)

A realidade, porém, é que a civilização ocidental, como um todo, não chegou a cristianizar-se. Os cidadãos da Europa e das Américas ainda não aplicam as lições de Jesus no seu dia-a-dia. (cap. XXV)

Lendo a resposta à pergunta 793 de *O Livro dos Espíritos*, compreende-se facilmente que, até agora, só atingimos o estágio inicial do que deverá ser uma verdadeira civilização. Para ser completa, esta deverá ter, principalmente, desenvolvimento moral; não bastam grandes descobertas, maravilhosas invenções, boas casas e melhor vestuário. Antes de mais, é preciso banir os vícios que a desonram e viver a fraternidade legítima, através da prática da caridade cristã.

Porque é que os Estados Unidos foram atingidos? Porque é que a Espiritualidade Superior não impediu a catástrofe?

Não temos capacidade para julgar ninguém, muito menos um povo valente e forte como o dos EUA. No entanto, aplicando as lições de Emmanuel acima referidas, somos obrigados a reconhecer que a grande nação da América do Norte resgata um carma colectivo. E, sem dúvida, o tempo era chegado. Há uma altura em que o Director Planetário, o nosso Mestre Jesus, também determina: “Basta! São chegados os tempos de se actuar na seara da Verdade!” (*Há Dois Mil Anos*, Introdução)

Porque não pôde ser evitado? Talvez a resposta esteja noutra pergunta: se os EUA tivessem colocado a sua cultura, a sua educação e o seu poder económico ao dispor dos povos mais ignorantes e miseráveis da Terra, será que tal teria acontecido?

Ao analisar a conduta dos bárbaros que pisaram o orgulho romano, Emmanuel disse que “aqueles povos rudes e fortes vinham, por si próprios, reclamar” a educação e o amparo que Roma não lhes tinha dado. Salvas as devidas proporções, não terá sido o mesmo caso?

No entanto, é impossível esquecer a missão do continente americano no concerto das nações, por isso, não temos qualquer dúvida de que a grande nação norte-americana vai inclinar-se para a sua verdadeira vocação educativa e redentora.

### ***Terroristas Islâmicos***

Os povos islâmicos seguem Maomé. Segundo Emmanuel (*A Caminho da Luz*, cap. XVII), Maomé reencarnou com a missão de “reunir todas as tribos árabes sob a luz dos ensinamentos cristãos, de modo a organizar-se na Ásia um movimento forte de restauração do Evangelho de

Cristo, em oposição aos abusos romanos, nos ambientes da Europa”. Aconteceu, porém, que ele não resistiu ao assédio dos Espíritos inferiores, misturando as sugestões destes com os ensinamentos dos Instrutores de ordem superior, demonstrando flagrantes contradições. “A par do perfume cristão que se desprende de muitas das suas lições, há um espírito belicoso, de violência e de imposição. Juntamente com a doutrina fatalista contida no Alcorão, existe a doutrina da responsabilidade individual, percebendo-se através de tudo isto uma imaginação super-excitada pelas forças do bem e do mal, num cérebro transviado do seu verdadeiro caminho”, afirma o Guia de Chico Xavier.

Maomé vulgarizou a palavra “infiel” e os seus seguidores, depois da sua partida para o plano espiritual, estenderam a doutrina islâmica a toda a Arábia, implantando-a pela força da espada. No fim do séc.VII, também toda a África setentrional foi subjugada através das chamadas “guerras santas”. Esta contradição entre o bem e o mal é, de certa forma, ressaltada pelo historiador Paul Johnson que na revista “Veja” de 26/09/2001 dizia que “...há ensinamentos de paz no islamismo, mas eles não compõem o coração da doutrina.(...) A sura 9, versículo 5, decreta: “Matai os idólatras onde quer que os encontréis, e capturai-os, e cercai-os e usai de emboscadas contra eles”. E, mais adiante, o livro insiste que as nações, não importa quão poderosas sejam, deverão ser combatidas “até que abracem o Islão”. Não é, portanto, difícil de compreender porque é que os terroristas islâmicos levam até ao extremo o seu fanatismo religioso, invocando a “guerra santa” e o termo “infiel”, e prendendo-se demais às sugestões anti-fraternas contidas num livro considerado sagrado.

É preciso lembrar que os árabes também vieram do mundo de Capela de que temos vindo a falar. Segundo as observações de Emmanuel, os semitas (os árabes) e os hindús perderam-se, pela cristalização no orgulho religioso e os judeus mantiveram a sua vaidosa aristocracia espiritual, fechando-se à comunhão perfeita com as outras raças do planeta; porém, as famílias arianas da Europa, embora revoltadas e endurecidas, procuraram confraternizar com o selvagem. Por aqui se constata que, lamentavelmente, os grupos dos exilados de Capela têm conservado, predominantemente, as suas tendências inferiores.

Não é também difícil de compreender que o ódio de uma facção dos islamitas contra os judeus e os norte-americanos vem – infelizmente – de muito longe: desde Capela. E nenhum destes povos se tem realmente esforçado por extirpá-lo. Assim sendo, não há uma previsão para quando acabará...

### ***Crepúsculo de uma civilização***

No cenário mundial, a situação económica das nações do Oriente e da Ásia que possuem armas atómicas parece não ser confortável, o que de certo modo vem aliviar a tensão de uma 3ª. Guerra de âmbito global. Mas embora não pareça vir a ser imediata, não pode, infelizmente, ser posta de parte.

Em 1938, ao escrever sobre a história dos povos (*A Caminho da Luz*, cap.XII), Emmanuel lembra que: “Uma nuvem de fumo está a formar-se há muito tempo no horizonte da Terra, cheia de indústrias de morte e de destruição. Todos os países estão chamados a conferir os valores do amadurecimento espiritual da Humanidade verificado no planeta há dois milénios”.

Compreende-se, deste modo, que a Terra viveu o doloroso crepúsculo da civilização ocidental no século XX e que começa agora o mergulho na noite profunda, devendo deixar o campo das trevas num tempo não determinado, quando então emergirá para uma nova aurora. “Isto acontece porque são chegados os tempos em que as forças do mal serão forçadas a abandonar as suas derradeiras posições de domínio nos ambientes terrestres, e os seus

últimos triunfos são bem o penhor de uma reacção temerária e infeliz, apressando a realização dos vaticínios sombrios que pesam sobre o seu império perecível.

Quando a nova era chegar, o Espiritismo terá retirado, dos escombros materiais da Terra “a alma divina das religiões que os homens perverteram, ligando-as no abraço acolhedor do Cristianismo restaurado”. (cap. XXV)

Protejamo-nos através da oração e do serviço ao Bem. Ouçamos Emmanuel: “no bojo das sombras compactas não nos esqueçamos de Jesus, cuja infinita misericórdia, como sempre, será a claridade imortal futura, feita de paz, de fraternidade e de redenção”.

*\* Médica ginecologista, escritora, oradora, presidente da  
Associação Médico-Espírita do Brasil*